

À NECESSIDADE DESTES SÉCULO AOS VINTE E SETE

Estava caminhando atravessando os carros parados na faixa escutando a rádio antenna 1 com os fones no ouvido pensativo sobre a minha condição de artista no século 27 anos e 16 de estudo e dez de vida exclusivamente artista ou não e me veio à mente não sei bem em que refrão de que música paralela e transcendentalmente às preocupações financeiras metropolitanas que me confundem e corroem a mente desde que sou exclusivamente artista ou não essa dita iluminação soberba de que sim sou artista há pelo menos 27 anos vivo bem contente vivo de arte já que nunca nem por um dia sequer morri e nem deixei de ser artista já que alguns muitos artistas vivos morrem para a arte e alguns tantos outros poucos raros morrem aos 27 e eu nu entanto vivo há 27 anos e contrariando as expectativas burguesas do século sou artista isso me trouxe aos lábios um sorriso bobo de quem se orgulha um pouco do feito bobo de sobreviver ante as adversidades enquanto poeta mesmo não enquanto cidadão que como cidadão eu só espio e às vezes me camufla em festas ou em padarias fazendo contas matemáticas de quantos pães eu posso pedir a depender do peso do cacetinho e de quanto gastei no bom preço e por isso me sinto um arremedo de gente nestas filas que não valem a pena quando você compra pouco e agora vegano me julgo ainda mais solto nesta ilha sem sentido que é a vida cigana de um artista que aos 27 anos ainda vivo e não pretende ser consagrada gênio pela overdose e sonha em comprar pães pães árabes e pastas húmus sonha escolher papéis e dar papéis e sujar papéis com poesia e não com cifras que neste século é mais esperto usar cartões de débito apesar de que é lindo usar o crédito quando se sabe ter crédito no próximo mês esse fato de ser cigano às vezes me incomoda o cenho às vezes finge me tirar o sono mas eu sempre durmo e isso é lindo é isso que me carimba artista aos 27 enquanto ando e atravesso os carros parados na faixa escutando a rádio antenna 1 é este fato de dormir bem com

a cuca fresca toda santa noite e às vezes o diazinho e me felicitar de sonhar porque no sonho o papo é outro eu vivo feliz de ser burguês feito tantos que lá todo mundo é burguês porque exatamente ninguém é burguês lá quando sonho todo mundo é artista todo mundo voa todo mundo recita poemas mesmo aquelas projeções tolas daquela gente tola que eu conheci muito pouco há quase vinte anos atrás aquela gente na época criança e já tão tola que hoje adulta talvez mais ou menos tola e mesmo estes nos sonhos são gente artista e não me julga menos bonito porque na fila do pão eu compro apenas 3 e não volto senão dali a 3 dias essa gente outrora estúpida nos meus sonhos canta e borda e sapateia e voa porque voar é o mais importante cambada essa gente é outra gente e é por isso que eu amo e é por isso que me vem à mente tanta coisa bonita que me vai acontecer lá na frente e é por isso que eu nunca tenho dificuldade de dormir bastante porque é o lugar em que me encaixo melhor um lugar repleto de sentido e eu pensando aqui comigo enquanto atravesso os carros parados na faixa escutando a rádio antena 1 com os fones no ouvido pensativo sobre a minha condição de artista do século o quanto é lindo ser artista aos 27 tendo sido tantos anos quanto vivo artista e só artista e mesmo quando vendi apartamentos de luxo e mesmo quando atendi telefonemas de inválidos e mesmo quando estive deprimido na piscina e mesmo quando estive solitário no meu quarto e eu nunca tive mesmo um quarto que fosse de fato meu e mesmo quando no escuro eu fecho os olhos e rezo e mesmo quando magoado chorei com o rosto atravessado no travesseiro e mesmo quando nu deserto do horto corri com meus fones de ouvido pensativo e mesmo quando ainda menino escrevi poemas no caderno e li para turma em voz de homem formado fui pro mundo e paguei caro as pautas que solicitei e mesmo quando nas pautas gratuitas vi o meu trabalho escorrendo nas poltronas secas e mesmo quando as poltronas gordas vivas levantaram reclamando da prosódia e mesmo quando na paródia me expulsaram da TV e mesmo quando no cinema quando minhas cenas desaproveitadas e

mesmo quando no cinema em que meu cachê não pagaria o meu quarto de hotel e mesmo quando no teatro de bonecos que minha passagem pro amazonas era dez vezes mais cara que a minha diária e mesmo quando nos comerciais em que fui tratado feito um rei despótico e mesmo quando internado no hospital e encontrei internado outro artista sorridente e mesmo em todos os meus tórridos romances todos os meu amores reais vieram do tablado mesmo todos os enganos e todas as brigas e todos os pileques e todos os remorsos e todas as linhas deste papel timbrado que poucos lêem você sabe que muitos poucos de fato lêem mesmo quando morto eu fico muito honrado de ter sido por tanta vida artista e mais nada mesmo quando garoto e queria ser jogador de futebol mesmo quando pirralho e brigava de soco às vezes com mais de 3 mesmo depois dos 26 quando fui de novo embora pra nunca mais mesmo antes dos 30 quando agora já sou quem eu fingia ser e em todo momento eu devo dizer que não me arrependo eu devo dizer que não me consola a fama e a fortuna não me consola as mulheres ou os homens ou qualquer definição nova e antiga de sexo à 3 não me consola os carros parados na faixa para que eu desfile não me consola as letras de músicas não consola as rádios ou as TVs não me consola ser cliente Itaú pagando meia da meia no cinema nos dias de segunda não me consola as bilheterias do teatros em que posso passar por ser da classe não me consola teus aplausos e tuas juras de amor como vi fazerem por Rino Carvalho quando vistes as fotos de teus figurinos não me consola que tenha assistido meu depoimento enaltecendo a grande artista Clécia Queiroz a morte de Michael Jackson quando eu me preparava pra estreiar o meu primeiro solo que continha uma homenagem a esta figura que como tantos morrem todos os dias aos 27 enquanto andam pra trás pisando na lua não me consola ter amado pra caralho e ainda amar e ser ainda e sempre agraciado com o poder de ver além rosto e ter consigo um tanto de prosa e ter contigo numa cama redonda cheirosa só porque eu sou artista e sei falar a língua dos beija flores e sei falar que não com amor

quando os transeuntes me param no meio da faixa vermelha e me pedem alguma ajuda e eu digo que não tenho muito mas alguns trocados talvez saiba talvez ajude e mesmo quando o cabra é bem carrancudo e faz que não gosta e me ameaça com os olhos rubros de ódio e eu o olho feito um pai maduro e o peito cheio de amor e o pulso firme e as mãos fechadas e a cabeça tranquila que estou indo pro meu ensaio e o peito cheio de remorso claro por estar imerso neste país difícil onde muitos homens e mulheres magnificas as mulheres não têm vez sendo estes obrigados a pedir esmolas e pedir tocos de cigarros frente as sinaleiras muitas vezes feito homens de arte com seus malabares e com suas danças hops e hips e as suas artimanhas e os seus cordéis e os seus poemas e eu me sinto um fudido vez ou outra que mesmo enquanto artista e mesmo enquanto marginal não me sobra alternativa quando questionado sobre um troco e lhe ofereço um qualquer trocado e peço perdão ou mesmo não ofereço nada porque julgo pelo hálito de álcool que o homem tal não merece um tostão porque vai gastar o meu tostão que nem fui que ganhei de fato pra comprar mais álcool e eu por outro lado faço nada pela sociedade que não me assiste nos teatros e não me lê nestes papeis timbrados que vamos combinar ninguém lê a arte é território desértico de homens que sonham ser anjos e não o são e eu fico remoído às vezes quando me deparo com essa gente que de fato vive numa linha tênue de um cartão postal e muitas vezes pega seu manufaturado seu artesanato colorido com côco assado e berimbaus em miniatura e meio que no assalto me prende estas pulseiras no pescoço como a arte fosse grátis e me encara quando de repente eu finjo que acredito que aquela arte não tem preço e eu meio que me entristeço quando isso e quando as filas e quando eu vejo aquela gente tonta de vinte anos atrás que mesmo ainda tonta passa por mim e me atravessa em seus carros em movimento e buzina e acenam quando naquele tempo eram ainda um dos três camaradas que eu quebrava aos socos e ponta pés porque nunca tive confortável em uma realidade

alternativa que não fosse o sonho e nunca nem quando menino me identifiquei com essa gente tola que agora me olha bobo porque me viu na tela da TV e buzina enquanto eu percorro minhas estrada solta porque sou homem do palco e nunca tive até hoje como pagar as rodas destes automóveis tolos que só se usa mesmo quando se vive nas províncias eu quero ser feliz não nego e tenho ainda uma ideia tonta do que seja o sentimento de completude eu quero mesmo é ser vegano contratado usando sem peso na consciência o crédito do meu cartão para comprar pães e pastas e cestas básicas veganas e distribuir enquanto círculo no meu carro e paro nas faixas quando necessário e escuto no meu rádio a minha entrevista e vejo atravessando e mim estes artistas jovens sobreviventes e alegres orgulhosos de estarem e serem em todo o século justamente aquilo e somente aquilo que o século precisa urgentemente sem se preocupar com o que precisa ou que pensa que precisa urgentemente sobre a fome dos artistas jovens e das sinaleiras transeuntes que esbarram nos teus carros tolos parados enquanto nos movemos sonâmbulos pela fila do século que com certeza sempre nos outorga o pão e o húmus.

Baita orgulho de ser e viver de arte aos 27 anos neste século.